

PISTA PARA A CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DO TAP EM CODA

Felipe Costa Clemente (UFPR)

Orientador(a): Adelaide Hercília Pescatori Silva (Universidade Federal do Paraná)

O presente trabalho tem por objetivo observar o comportamento acústico do tap em posição de coda silábica, visto que após a realização do tap final e antes da realização do próximo segmento é encontrado um segmento de natureza vocálica. A questão em voga é observar se tal elemento vocálico apresenta as mesmas características acústicas da vogal tônica, como ocorre com o tap em grupos (cf. Nishida, 2005), ou se ocorre vogal neutra, a exemplo de outras línguas, como o norueguês (cf. Kvale & Foldvick, 1995).

Para desenvolver o experimento foram confeccionadas sentenças-veículo onde foram inseridas palavras-alvo. As palavras, que pertenciam à classe dos substantivos e verbos, eram dissílabas oxítonas e, antecedendo o tap final, alternavam-se as sete vogais orais do Português Brasileiro, sempre que possível. Para a coleta de dados, um informante natural de Curitiba e que realiza o tap em final de palavra, leu cinco vezes as sentenças-veículo, que foram gravadas digitalmente. A análise dos dados, que será apresentada neste estudo, aponta para a presença da vogal neutra sucedendo o tap.

A RELAÇÃO ENTRE PAUSA, ÊNFASE/ DURAÇÃO SEGMENTAL NO PB E SUA IMPLICAÇÃO PARA A FONOLOGIA

Paula Ferraz Oliveira

Orientador(a): Vera Pacheco (UESB)

Trabalhos recentes mostram que em alguns casos o alongamento vocálico, a duração do VOT nas oclusivas e o ruído nas fricativas são fatores importantes para distinção de vozeamento nessas consoantes, evidenciando que essa duração é fonológica. Outros trabalhos também têm mostrado que há uma relação direta entre a posição de uma palavra na frase e a duração intrínseca dos seus segmentos. Considerando essas constatações, propõe-se uma investigação fonético-experimental da relação entre a posição das palavras numa frase e as durações vocálicas e consonantais no PB, buscando investigar uma questão maior: que durações no PB são fonéticas e quais têm informações fonológicas. Para tanto, foi realizado um experimento que visou a investigar a influência das posições de ênfase, proximidade e a distância de pausas na duração segmental. Assim, as palavras de um corpus constituído por monossílabos CV e CVC e de dissílabos paroxítonos CV.CV e CVC.CV, tendo no onset oclusivas e fricativas surdas e sonoras, na coda /S/, /R/ e /N/ e no núcleo as vogais /i, u, a/, foram inseridas em diferentes posições da frase veículo "Disse _____baixinho", "_____disse baixinho" e "Disse baixinho _____" com o intuito de investigar a influência da pausa. A posição de ênfase foi investigada a partir do design pergunta/resposta: "Você disse Y baixinho/ Não, disse X baixinho, Você disse X baixinho/ Não, disse Y baixinho", em que X é a palavra alvo e dita com ênfase, marcada por um tracejado, no primeiro caso, e sem ênfase no segundo. As gravações foram realizadas com cada informante

individualmente, com gravador digital em estúdio com seis informantes (três homens e três mulheres), com faixa etária entre 25 e 30 anos, universitários e naturais do estado da Bahia. Os resultados são discutidos considerando a natureza fonética ou fonológica das durações segmentais em PB.

AS VOGAIS MÉDIAS ABERTAS EM SÍLABAS PRETÔNICAS NO DIALETO BAIANO

Juscélia Silva Novais Oliveira, Priscila de Jesus Ribeiro

Orientador(a): Vera Pacheco (UESB)

Segundo Câmara Jr. (1975), o quadro vocálico do Português do Brasil é composto por sete vogais em posição tônica /a/, /ê/, /ê/ /i/, /ó/, /ô/ /u/, que se reduz a cinco vogais em posição átona pretônica (/a/, /e/ /i/, /o/ /u/), a quatro em posição postônica (/a/, /e/ /i/, /u/) e a três em posição átona final (/a/, /i/ e /u/). O lingüista afirma que ocorre uma neutralização entre as vogais médias abertas e as vogais médias fechadas em proveito dessa última. Um estudo piloto realizado com informantes da cidade de Vitória da Conquista/BA mostrou que as vogais médias abertas aparecem também, além da posição tônica, como defende Câmara Jr. (1975), em posição pretônica, posição não prevista por ele. Assim, foram observadas ocorrências de palavras como [sé"lésãw], [dézenvowvi"mentu], [kóléta], entre outras que compunham o corpus do estudo piloto. Portanto, verifica-se que o quadro vocálico proposto por Câmara Jr. (1975) para as vogais pretônicas não se aplica aos falantes de Vitória da Conquista. Partindo dessas constatações, propõe-se uma investigação fonético-fonológica do quadro vocálico dos falantes conquistenses. Busca-se investigar que contexto(s) está(ão) adjacente(s) às sílabas pretônicas que favorecem a ocorrência das vogais médias abertas. Para tanto, foram realizadas gravações espontâneas com informantes naturais de Vitória Conquista. Essas gravações foram submetidas a transcrições fonéticas e subsequente análise das mesmas e levantamento dos contextos propiciadores da realização das vogais em questão.

DURAÇÕES SEGMENTAIS NO PB: INFORMAÇÃO FONÉTICA OU FONOLÓGICA?

Luiz Carlos da Silva Souza

Orientador(a): Vera Pacheco (UESB)

Trabalhos experimentais e de aquisição da linguagem têm mostrado, que em várias línguas, a duração segmental é um fator que contribui na distinção de sonoridade das oclusivas e fricativas. No que se refere ao sistema fonológico do PB, os trabalhos de Moraes & Wetzels (1992) e de Pacheco (2004) apresentam evidências indiretas para a não-arbitrariedade da duração segmental, evidenciando que essa duração também contribui para a distinção fonológica do vozeamento nas oclusivas e fricativas, requerendo, assim, uma investigação mais aprofundada para um maior entendimento do sistema fonológico do PB.

Dessa forma, foi realizado um experimento com o objetivo de investigar a duração intrínseca dos segmentos vocálicos e consonantais e sua relação com a estrutura silábica. Assim, montou-se um corpus composto por monossílabos CV e CVC e de dissílabos paroxítonos CV.CV e CVC.CV, tendo no onset oclusivas e fricativas surdas e sonoras, na coda /S/, /R/ e /N/ e no núcleo as

vogais /i, u, a/. As palavras impressas em cartões foram apresentadas aos informantes. As gravações foram realizadas em estúdio por meio de gravador digital. A leitura do corpus se deu em três repetições intercaladas por tarefas distratoras.

As medidas de duração foram obtidas por meio do software Praat. Foram medidas as durações das vogais em sílaba aberta, do segmento vogal+consoante de posição de coda e das consoantes em posição de onset.

O ponto de medida vocálico considerado foi o intervalo entre o início e o fim das vogais e o das consoantes foram o VOT e o ruído fricativo para oclusivas e fricativas, respectivamente. Em todos os casos, os pontos de medidas foram localizados a partir da imagem espectrográfica sincronizada à forma de onda.

Espera-se que com os resultados encontrados seja possível compreender a natureza fonética ou fonológica das durações segmentais no PB.

PISTAS PARA CARACTERIZAÇÃO ACÚSTICA DO TAP EM GRUPOS

Gustavo Nishida (UFPR)

Orientador(a): Adelaide H. P. Silva (UFPR)

Trabalhos sobre róticos descrevem que tap em grupos do tipo obstruinte +tap+vogal exibe um evento acústico entre a obstruinte e ele, como documentado para diversas línguas, a exemplo do espanhol (Quilis, 1993; Almeida & Dorta, 1993), do norueguês (Kvale & Foldvik, 1995), do búlgaro (Jetchev, 1995) e do português brasileiro, PB, (Silva, 1996; Carvalho, 2004). No caso do PB não se sabia qual era a natureza de tal evento, a não ser que se assemelha a vogal.

Em trabalho anterior, Nishida (2004) faz uma análise das freqüências de formantes desse evento em grupos do PB, a fim de averiguar se se tratava de um elemento tipo schwa ou da própria vogal do grupo entrecortada pelo tap. Seus resultados apontaram que, em grupos compostos por oclusiva+tap+vogal, a configuração dos formantes dos eventos acústicos era muito parecida com a do triângulo vocálico do PB. Levantou-se então a hipótese de que se tratava da vogal nuclear entrecortada pelo tap alguns milissegundos após seu início. Entretanto, grupos do tipo fricativa+tap+vogal são contrários a essa hipótese, pois nem todos os dados exibiam a ocorrência do evento acústico, dificultando a análise sobre a natureza dos formantes. Nos dados em que foi possível medir a freqüência dos formantes, estes pareciam tender à centralização.

Foram, então, colhidos e analisados mais dados, os quais serão apresentados neste trabalho, e que mostram um quadro não exatamente igual ao anterior: para um dos informantes, a freqüência de formantes dos eventos acústicos espelha a freqüência de formantes da vogal nuclear, corroborando a hipótese para os grupos em contexto de oclusivas. Para o outro informante, os dados continuaram centralizados, sugerindo que o ruído fricativo estaria influenciando na produção do evento acústico encontrado.

Tenta-se, então, encontrar uma explicação para esses fatos.